

## O PASSO DOS NEGROS: DESAFIOS DA ETNOGRAFIA COLETIVA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO

**ISIS KARINAE SUÁREZ PEREIRA<sup>1</sup>**; **DAYANNE DOCKHORN SEGER<sup>2</sup>**; **SIMONE FREITAS ORTIZ<sup>3</sup>**; **LOUISE PRADO ALFONSO<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – isiskspereira94@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – dayannedockhorn@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – moneort@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – louise\_alfonso@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de nossas reflexões a respeito das ações desenvolvidas na região do Passo dos Negros, em Pelotas, durante o segundo semestre de 2014, no âmbito do projeto de pós-doutorado denominado *Um olhar sobre o passado e o presente do negro em Pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica*. Tais ações tiveram como objetivo realizar uma pesquisa arqueológica colaborativa com as comunidades atuais da região, de modo a compreender a forma como significam a história local, realizando o levantamento das histórias de vida dos moradores, entrelaçadas com a história da região. Ao utilizar o método etnográfico, concretizamos uma aproximação entre antropologia social e arqueologia, de modo a alcançar a comunidade e dialogar com ela sobre a história do local.

A realização das etnografias nos apresentou a região em seu contexto atual e histórico, assim como aos diversos enfoques de trabalho possíveis, levando-nos a compreender e discutir criticamente a antropologia, a arqueologia e seus respectivos métodos. O “colocar em prática” das teorias apreendidas em sala de aula nos permitiu realizar uma etnografia da própria ciência, visto que passamos a questionar nossos papéis como pesquisadoras e o modo como desenvolvíamos a pesquisa. Em outras palavras, fizemos uma *autoetnografia* ao considerarmos os nossos métodos, posturas, dificuldades e avanços. A extensão, desse modo, possibilitou o costurar teórico e prático: o diálogo entre teoria e etnografia possibilita transformações na antropologia (STRATHERN, 2004).

A comunicação entre pesquisadores e público geral é um crescente e recorrente debate em diversas áreas e, na maioria das vezes, não encontra quaisquer resultados no sentido da maior e melhor difusão dos temas que estão sendo pesquisados na academia. Essa comunicação é frequentemente realizada por projetos de extensão que, além de estimularem a reflexão do próprio fazer científico, ainda promovem a interação e a compreensão da ciência que está sendo trabalhada, incentivando a disseminação de informações científicas geradas pelos pesquisadores para a sociedade. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é iniciar uma análise mais sistemática da autoetnografia feita durante e após o trabalho no Passo dos Negros, ressaltando a importância da extensão universitária, que nos permitiu realizar essas práticas. Pela autoetnografia pretendemos explicitar os desafios práticos, metodológicos e as oportunidades de aprendizado proporcionadas nesse processo, que podem ser comuns a outros projetos de extensão.

## 2. METODOLOGIA

A etnografia em grupo foi o método utilizado para tornar possível o ensino e facilitar a participação de mais alunos dos cursos de graduação em antropologia e arqueologia. Normalmente, a etnografia é feita individualmente, e o desafio de realizá-la em grupo implicou repensar o método etnográfico “tradicional”. Nessa perspectiva, diversas idas a campo foram realizadas, nas quais escolhíamos os interlocutores aleatoriamente com o intuito de acessar diferentes agentes da comunidade. Foram realizadas 35 entrevistas, além de entrevistas com ex-moradores, idas ao clube de futebol local (que reúne grande público da região aos finais de semana e em dias de festividades) e uma exposição no clube, que compilou algumas das falas e imagens coletadas, como forma de devolução dos resultados da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas pelos alunos com a supervisão da professora, portanto, foram feitas em grupo. Contudo, esse grupo nem sempre se mantinha o mesmo, posto que as idas a campo eram feitas durante o dia, fora do horário das aulas, e nem todos os alunos puderam participar todos os dias. Após as entrevistas, o processo de transcrição dos áudios e a análise dos discursos foram feitos por um grupo ainda mais reduzido, em função de alguns alunos terem desistido de participar do projeto após a conclusão da disciplina ou não demonstrarem interesse em contribuir nessa etapa.

Inicialmente, nosso foco norteador foi a temática da escravidão e, mais precisamente, a forma como as pessoas vivem e relembram a palavra “escravidão”, no âmbito daquela região da cidade. Entretanto, os demais assuntos levantados pelos próprios entrevistados não foram desconsiderados, e acabaram por ampliar nosso entendimento sobre a gama de assuntos correlatos ou não à escravidão, que fazem parte do contexto daquela comunidade, auxiliando-nos no fortalecimento do vínculo com os moradores, na condução das entrevistas e proporcionando novos interesses de pesquisa que serão tema de outros trabalhos.

Além das etapas de levantamento dos dados e das transcrições, foram realizadas reuniões quinzenais para discutir e interpretar as informações coletadas. Durante essas reuniões, percebemos os desafios que se impunham a esse trabalho em função das características metodológicas apresentadas e, assim, decidimos estruturar a presente análise autoetnográfica conforme dois amplos assuntos, que tiveram impactos tanto na coleta, como na análise dos dados, a saber: a etnografia feita por um grupo e a multiplicidade de olhares sobre as informações coletadas. É interessante ressaltar que as situações não foram qualificadas como vantajosas ou desvantajosas, mas analisadas como um novo modo de fazer, como parte da construção da pesquisa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Passo dos Negros demonstrou ser uma realidade múltipla e fluída, composta por diversos grupos que habitam a região, compreendendo assim a existência de muitas realidades distintas. A experiência dos pesquisadores em campo é utilizada aqui como ferramenta para pensar esse fazer antropológico, refletindo acerca da metodologia empregada para alunos de graduação em contextos de projetos de extensão.

O trabalho em campo tornou-se momento não apenas de compreender a região, mas de nos compreender como pesquisadoras, questionando nossos

procedimentos metodológicos e a relação entre sujeitos e pesquisadores. Através do método arqueológico, podem-se acessar importantes elementos de grupos subordinados, enquanto o método antropológico apreende traços relevantes destes grupos no presente. Essa construção multidisciplinar nos permite entender questões contemporâneas, tais como a escravidão, preconceito e relações de poder, demonstrando a capacidade da extensão em promover a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, assim como (no caso específico dos cursos de antropologia e arqueologia) a possibilidade de fundir os conhecimentos de ambas as disciplinas.

O exercício etnográfico em grupo foi, sobretudo, uma maneira de questionar o método antropológico, ao mesmo tempo em que questionamos nossa presença ali como pesquisadoras. Conforme Gabbard (1998), a atuação de um grupo de trabalho heterogêneo pode ser bastante efetiva e enriquecer o desenvolvimento da proposta, desde que seus membros tenham um propósito comum. Entendemos que, apesar das dificuldades, contar com um grupo heterogêneo na condução de um trabalho etnográfico contribuiu ao aprendizado e enriqueceu a interpretação dos dados.

A realização da etnografia e a posterior escrita etnográfica e analítica, refinando dados e cruzando histórias, transformou nosso conhecimento daquele local de uma simples área de interesse arqueológico, para a compreensão de que sob nossos olhos estava uma comunidade urbana rica em diversidades, à margem da sociedade, repleta de conflitos sociais urgentes e, ao mesmo tempo, esquecidos.

Através do levantamento das narrativas dos moradores locais, foi possível a construção de um mapa cultural da região do Passo dos Negros, o qual foi posteriormente levado à comunidade em forma de exposição e apropriado por esta, que reconheceu suas narrativas e trajetórias no trabalho realizado. Entendemos que as narrativas levantadas podem fortalecer a comunidade e são um meio de despertar a valorização dos seus saberes e memórias, dentro de um contexto contemporâneo de esquecimento.

O contato com a comunidade foi essencial para o percepimento do grupo enquanto tal e como agente modificador daquele espaço, uma vez que o trabalho realizado impactou a comunidade. Sabe-se que o fazer etnográfico causa impacto nas comunidades, mesmo quando realizado em seus moldes tradicionais (GEERTZ, 1997). Fazê-lo com um grupo se deslocando pelas ruas e abordando os moradores, que na maioria das vezes estavam sozinhos, chegou a causar estranhamentos e curiosidades explícitas. Provavelmente algum dos interlocutores ou das pessoas que se recusaram a participar da pesquisa podem ter se sentido intimidados. A participação dos alunos na condução das entrevistas, assim como na análise dos dados era livre e, portanto, isso também foi um desafio, pois, apesar de um interesse coletivo comum, também surgiam interesses individuais que, em maior ou menor grau, poderiam influenciar as perguntas a serem feitas e a interpretação das falas dos moradores.

#### **4. CONCLUSÕES**

O que seria inicialmente uma etnografia da comunidade voltada às memórias da “escravidão” abriu nossos horizontes, como grupo de olhar heterogêneo, formado por cerca de doze pessoas vindas de áreas distintas, para a possibilidade de uma autoetnografia. Observamos, em nossa experiência, uma necessidade de mais projetos que propiciem aos alunos experiências no trabalho de campo e no contato com a diversidade. Temos consciência da falta de incentivo e reconhecimento dos projetos de extensão nos currículos acadêmicos, o que nos leva a refletir sobre

como formar antropólogos sem valorizar suas experiências etnográficas, pois são nessas escritas que serão pensadas as novas antropologias (LOTIERZO & HIRANO, 2013).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELTRAN, G de S. Periferia, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.53, n.2, p.566-610, 2010.

GABBARD, G. O. **Psiquiatria psicodinâmica: baseado no DSM IV**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997, 366 p.

IHGPEL. **Passo dos Negros e Ponte dos Dois Arcos**. Jornal Diário da Manhã, Pelotas, 16 ago. 2014. Acessado em 20 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.ihgpel.org/blog/?author=1>

LOTIERZO, Tatiana; HIRANO, Luis Felipe Kojima. **Apresentação**: a escrita antropológica e seus vários contextos. In: STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto**: as ficções persuasivas da antropologia. \_\_\_\_\_: Terceiro Nome, 2013. 160 p.

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosacnaiy, 2004. 576 p.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol.17, no.49, p 11-29, 2002.